

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Nuno Coelho direcção musical

7 Out 2022 · 21:00 Sala Suggia

ANO DO AMOR



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



BPI



Fundação "la Caixa"



Leia o código QR e veja a entrevista com o maestro Nuno Coelho sobre o programa do concerto.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Richard Wagner

Abertura de *Tannhäuser* (1843; c.15min)

Piotr Ilitch Tchaikovski

Romeu e Julieta (1869, rev.1870/80; c.20min)

2ª PARTE

Igor Stravinski

Petruchka (1911, versão de 1947; c.40min)

Cena I: A Feira do Entrudo —

Cena II: Na Cella de Petruchka —

Cena III: Na Cella do Mouro —

Cena IV: A Feira do Entrudo (anoitecer)

Richard Wagner

LEIPZIG, 22 DE MAIO DE 1813

VENEZA, 13 DE FEVEREIRO DE 1883

Abertura de *Tannhäuser*

Na ópera *Tannhäuser*, como na maioria dos dramas líricos wagnerianos, o elemento mitológico desempenha um papel preponderante no argumento (veja-se, a título de exemplo, *Lohengrin* e *Parsifal*). *Tannhäuser* é um cavaleiro e trovador alemão que se envolveu com Vénus, a deusa romana do Amor, e escandalizou os seus pares com as canções lascivas com que participou no concurso de trovadores de Wartburg. Os seus pecados foram redimidos pelo sacrifício da sua amada Elisabeth, que morre de desgosto, pelos peregrinos e pelo perdão divino.

A Abertura, que vai ser interpretada no concerto de hoje, coloca em confronto dois dos principais temas da ópera: a solenidade e a sobriedade do Coro dos Peregrinos, um motivo construído em forma de coral que é introduzido pelo clarinete, pelo fagote e pela trompa; e a sensualidade e o erotismo do motivo associado a Vénus, interpretado pelas violas, pelas flautas e pelos oboés.

A ópera, cujo título completo é *Tannhäuser und der Sängerkrieg auf Wartburg* (Tannhäuser e o Concurso de Cantores de Wartburg), foi terminada em Agosto de 1843 e estreada na cidade alemã de Dresden, a 19 de Outubro de 1845, mas foi recebida com frieza pelo público. Wagner ficou bastante decepcionado com a fraca recepção e fez várias revisões à partitura. Para a estreia em Paris, em 1861, introduziu um bailado logo no início do trecho mas, à semelhança do que aconteceu na Alemanha, a ópera não obteve sucesso na capital francesa.

Piotr Ilitch Tchaikovski

VOTKINSKI, 7 DE MAIO DE 1840

SÃO PETERSBURGO, 18 DE NOVEMBRO DE 1893

Romeu e Julieta

Foi o compositor Mili Balakirev (1837-1910) — figura fundamental da história da música russa por ter sido um dos fundadores do Grupo dos Cinco, um grupo que tinha como propósito valorizar e defender a música russa — quem sugeriu a Piotr Ilitch Tchaikovski escrever um poema sinfónico baseado na trágica história de amor de Romeu e Julieta, provavelmente a mais famosa história de amor do mundo, escrita pelo dramaturgo inglês William Shakespeare na segunda metade do século XVI.

No Verão de 1869, Balakirev escreve ao seu amigo e colega dando-lhe instruções detalhadas para a criação de uma “abertura-fantasia”, adaptada à forma sonata, com o título *Romeu e Julieta*. Tchaikovski seguiu à risca as instruções do amigo e a obra tem a seguinte estrutura:

- Uma introdução de carácter religioso representa o Frade Lourenço, o frade franciscano confidente de Romeu;
- O primeiro tema, curto e belicoso, descreve a rivalidade entre as famílias Capuleto e Montecchio;
- Uma belíssima melodia apresentada, simultaneamente, pelo corne inglês e pelas violas (com surdina) é o tema que retrata o amor puro e profundo entre os dois protagonistas;
- No desenvolvimento, opõem-se o tema que descreve a rivalidade entre as duas famílias e o tema que representa o Frade Lourenço;
- Na reexposição, regressa o segundo tema, agora citado de forma grandiosa e eloquente.

Igor Stravinski

ORANIENBAUM (RÚSSIA), 17 DE JUNHO DE 1882

NOVA IORQUE, 6 DE ABRIL DE 1971

Petruchka

Em 1910, Igor Stravinski era um compositor aclamado em Paris mercê do enorme sucesso que obteve com a estreia do bailado *O Pássaro de Fogo*, pela célebre companhia Ballets Russes, dirigida pelo não menos célebre empresário Sergei Diaghilev.

Como é óbvio, no ano seguinte Diaghilev volta a encomendar a Stravinski um novo bailado — um novo sucesso. Acontece que o seu compatriota tinha já uma ideia, que lhe surgiu ainda quando terminava *O Pássaro de Fogo*, e na qual estava já a trabalhar. Stravinski havia sonhado com “um solene rito pagão: sábios idosos, sentados num círculo, observavam uma jovem a dançar até à morte. Estavam a sacrificá-la para que o Deus da Primavera lhes fosse propício.”

No entanto, o compositor deu-se conta de que, depois de escrever *O Pássaro de Fogo*, o que realmente lhe apetecia era mudar de registo, escrever uma obra para orquestra onde o piano fosse o protagonista. “Ao compor esta música”, conta Stravinski, “eu tinha em mente a visão de uma marionete, subitamente dotada de vida a exasperar a paciência da orquestra com cascatas diabólicas de arpejos. A orquestra, por seu turno, retalia com fanfarras ameaçadoras. O resultado sonoro é um terrível tumulto que, depois de atingir o clímax, termina com o penoso colapso da pobre e infeliz marionete.” Quando Diaghilev vai à Suíça para saber da evolução do “solene rito pagão” (que dois anos depois se tornará na famosíssima e controversa *Sagração da Primavera*), Stravinski toca-lhe ao piano excertos da

No final de Novembro desse ano a obra estava concluída, e a 16 de Março de 1870 era estreada mundialmente em Moscovo, num concerto na Sociedade Musical Imperial Russa, sob a direcção de Nikolai Rubinstein, grande amigo de Tchaikovski. “A minha abertura não teve nenhum sucesso e foi totalmente ignorada”, escreveu o compositor após a estreia. A fraca recepção de *Romeu e Julieta* levou Tchaikovski a efectuar uma revisão profunda no Verão de 1870: o coral introdutório foi totalmente reescrito e o desenvolvimento e a reexposição sofreram grandes modificações. Esta nova versão foi interpretada em São Petersburgo, a 17 de Fevereiro de 1872, com direcção de Eduard Nápravník. Em 1880, Tchaikovski volta a mexer na partitura de *Romeu e Julieta* acrescentando-lhe uma coda que retrata, de forma sublime, a morte dos dois protagonistas e o trágico epílogo da sua história de amor.

ANA MARIA LIBERAL, 2022

nova obra, a tal obra para piano e orquestra na qual trabalhava afincadamente. Diaghilev fica atônito com a repentina mudança de planos, mas rapidamente se apercebe de que aquela música que acaba de ouvir tem potencial para ser um novo bailado. “[Diaghilev] estava tão satisfeito com ela [a nova música] que começou a persuadir-me a desenvolver o tema do sofrimento da marionete e a escrever um ballet completo”, refere o compositor.

É assim que surge *Petruchka*, estreada em Paris, no Théâtre du Châtelet, a 13 de Junho de 1911, sob a direcção de Pierre Monteux. O pintor Alexandre Benois, a quem a obra é dedicada, foi o autor dos cenários e do guarda-roupa. A coreografia de Michel Fokine foi dançada por Vaslav Nijinski como Petrushka, Tamara Karsavina no papel de Bailarina, Alexander Orlov como Mouro e Enrico Cecchetti como Mago. O sucesso é retumbante. Claude Debussy, que assiste à estreia, fica deveras impressionado.

Em 1947, o compositor faz uma revisão à partitura que consiste, essencialmente, em diminuir o efectivo orquestral de 1911. É esta versão que vai ser interpretada no concerto de hoje e que pede uma orquestra com 2 flautas, 1 piccolo, 2 oboés, 1 corne inglês, 2 clarinetes, 1 clarinete baixo, 2 fagotes, 1 contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, timbales, triângulo, pratos, bombo, pandeireta, tambor, gongo, xilofone, celesta, harpa, piano e cordas.

A história de *Petruchka* passa-se na década de 1830, na Praça do Almirantado, em São Petersburgo, durante a Feira de Carnaval. Uma magnífica introdução, protagonizada pela flauta, conduz-nos ao ambiente da primeira cena, “A Feira do Entrudo”, onde, num dia quente de Inverno, uma multidão muito diversa se cruza. Passa um grupo de bêbados, aparece um tocador de realejo e uma bailarina dança. A

música do tocador de realejo é a melodia de uma canção de cabaret, “Elle avait un’ jambe en bois”, da autoria de Émile Spencer, que o compositor russo ouvia a um tocador de realejo que diariamente se colocava em frente do seu quarto de hotel, em Paris. Os tocadores de tambor chamam a atenção da multidão para um velho Mago, de aspecto estranho (caracterizado musicalmente pelos fagotes), dono de um teatro de marionetes. O Mago desce do seu teatro, toca uma flauta e apresenta as suas três marionetes: Petrushka, uma Bailarina e um Mouro. A flauta do Mago toca uns arpejos estranhos que dão vida às marionetes. Para espanto da multidão, estas saem do teatro e começam a dançar uma Dança Russa no meio da Praça. Esta dança, inspirada no folclore russo, é uma das páginas antológicas do bailado.

A segunda cena desenrola-se “Na Cella de Petrushka”, um quarto com as paredes pretas, decoradas com estrelas e meias-luas. Um retrato do Mago com ar ameaçador domina o espaço. Petrushka entra em cena com um grande pontapé. Um motivo musical interpretado pelos dois clarinetes em duas tonalidades sobrepostas — o famoso acorde de Petrushka — traduz musicalmente o sofrimento e o desespero do protagonista, que se lamenta da sua aparência grotesca. Aparece a Bailarina, a dançar ao som do clarinete e do trompete, o que provoca uma imensa felicidade em Petrushka que se põe a saltar. Mas a Bailarina assusta-se e sai do quarto. Desesperado, Petrushka amaldiçoa o Mago. Arremessa-se contra o retrato deste, mas consegue apenas fazer um buraco na parede. Stravinski coloca o piano e os trompetes a assinalar o desespero da marionete.

Quando sai do quarto de Petrushka, a Bailarina dirige-se à “Cela do Mouro”, cenário onde decorre a terceira cena do bailado. Aqui as paredes estão pintadas de um vermelho

intenso e cobertas de estranhos desenhos. Quando entra, a Bailarina vem a tocar trompette (um magnífico e brilhante solo) e a dançar uma valsa (que Stravinski “toma emprestada” a Joseph Lanner, um compositor austríaco amigo e colega de Johann Strauss Pai) disposta a cativar o Mouro que também se junta à dança. Esta é uma das passagens em que o espírito irónico de Stravinski é mais visível na medida em que contrapõe à melodia da valsa, numa tonalidade diferente, a melodia do contrafagote, em choque flagrante e premeditado. O par é interrompido pela entrada abrupta de Petrushka que, louco de ciúmes, luta com o Mouro. A Bailarina cai desvanecida e Petrushka é mandado para fora do quarto, ameaçado pelo sabre do Mouro.

O quarto quadro — “A Feira do Entrudo (anoitecer)” — é o epílogo onde culmina toda a grandeza da obra. Em poucas páginas sinfónicas se extraíram de uma orquestra sonoridades comparáveis às que cria Stravinski neste último quadro. O bulício da feira percebe-se, quase que se vê, tal é a perfeição da imagem sonora. Dançam as amas-de-leite, um camponês com um urso cruza a cena (ao som do clarinete que imita o andar pesado do animal) dando um toque de humor à cena, e dançam também ciganos ao som de um realejo. Um mercador põe-se a dar bilhetes à multidão, e a animação cresce. Aparecem, a seguir, os cocheiros a dançar. Incorporam-se à dança as amas-de-leite e o efeito sonoro cresce desmesuradamente. A animação está cada vez mais intensa, mas é interrompida pela aparição de uns Mascarados. Irrrompe Petrushka a ser perseguido pelo Mouro, que acaba por o derrubar com o seu sabre. A multidão fica comovida e aproxima-se de Petrushka que jaz sem vida. Surge, então, o Mago que pega na marionete e verifica que se trata de um mero boneco de

trapos. No instante em que parece que tudo terminou, o fantasma de Petrushka aparece no telhado do teatro de marionetes a vituperar e a agitar os punhos na direção do Mago, provocando a sua fuga precipitada.

Petrushka é uma obra que desafia todas as convenções musicais da época. Apesar do sucesso retumbante que obteve, foi bastante visada pelos críticos russos que entenderam que Stravinski traía a herança nacional com um tratamento vulgar e distorcido do folclore russo. Mas esse é um dos grandes méritos de *Petrushka*, o mérito da reinvenção, da ousadia. Mais de cem anos depois da estreia, *Petrushka* continua a ser um exemplo notável do modernismo musical.

ANA LIBERAL, 2019

Nuno Coelho direcção musical

Nuno Coelho é maestro principal e director artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias a partir da temporada 2022/2023. No seu quinto ano enquanto maestro convidado da Orquestra Gulbenkian, deu início à produção de *Don Giovanni* segundo a obra de José Saramago — *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido* —, para assinalar o centenário do escritor. Dos seus compromissos actuais, destacam-se também as estreias com a Orquestra do Real Concertgebouw, a Filarmónica de Tampere e a Sinfónica de St Gallen; o regresso às Sinfónicas de Antuérpia e de Tenerife; e uma digressão com a Orquestra Jovem Nacional de Espanha.

Na temporada passada, Nuno Coelho dirigiu pela primeira vez a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Dresden, a Orquestra Estatal de Hanôver, a Filarmónica do Luxemburgo, a Sinfónica de Gavle, a Sinfónica de Malmö, a Residentie Orkest, a Filarmónica de Estrasburgo e a Orquestra Nacional de Lille. Continuou ainda o seu relacionamento com as Sinfónicas da Galiza e de Barcelona. Em Março de 2022, foi responsável pela direcção de uma versão semi-encenada de *Così fan tutte* na Gulbenkian, que se veio juntar a produções de *La traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Rusalka*, *Das Tagebuch der Anne Frank* e *Seven Deadly Sins*.

Nuno Coelho venceu a edição de 2017 do Concurso Internacional de Maestros da Orquestra de Cadaqués e desde então dirigiu a Filarmónica Real de Liverpool, a Filarmónica da BBC, a Sinfónica de Hamburgo, a Sinfónica de Castela e Leão, a Noord Nederlands Orkest e a Orquestra do Teatro Régio de Turim. Foi “Dudamel Fellow” da Filarmónica de Los Angeles em 2018/2019. Nessa mesma temporada, substituiu Bernard Haitink naquela que

foi a sua estreia com a Orquestra Sinfónica da Rádio Bávara.

Natural do Porto, Nuno Coelho estudou direcção de orquestra na Universidade de Artes de Zurique com Johannes Schlaefli e venceu o Prémio Neeme Järvi no Festival Gstaad Menuhin. Em 2015, foi aceite no “Dirigentenforum” do Centro Alemão para a Música e, nos dois anos seguintes, foi em simultâneo “conducting fellow” do Festival de Tanglewood e maestro assistente da Filarmónica dos Países Baixos. Fora dos palcos, ocupa o seu tempo com livros e ténis.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Ilanina Khmelik
Emília Vanguelova
Evandra Gonçalves
Tünde Hadadi
Roumiana Badeva
Andras Burai
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
José Despujols
Maria Kagan
Catarina Resende*
Diogo Coelho*
José Pedro Rocha*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
José Paulo Jesus
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Catarina Martins
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Raquel Santos*
Pedro Carvalho*

Viola

Mateusz Stasto
Pawel Riess*
Luís Norberto Silva
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Francisco Moreira
Emília Alves

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Sharon Kinder
Irene Alvar
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Nadia Choi
Joel Azevedo
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Telma Mota*
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Maria Castro*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

Piano

Luís Duarte*

Celesta

Vítor Pinho*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

